

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE HAVANA EM

LA FIESTA VIGILADA DE ANTONIO JOSÉ PONTE

PAULA DE CARVALHO COELHO

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Recebido em: 13 de fevereiro de 2016

Aceito em: 16 de julho de 2017

RESUMO

A ideia de se conceber a cidade como texto ou signo, que permite por meio da análise de seus espaços e de suas construções a leitura de sua história e a compreensão da sociedade que nela vive é uma noção que pode ser recuperada na obra de intelectuais como Walter Benjamin, como em seu inacabado projeto das *Passagens* (2006), e também em trabalhos mais recentes, como no ensaio “Os vazios de Berlim” (1999), do crítico literário Andreas Huyssen. Com base nesta concepção, propomos uma análise das representações de Havana, desenvolvidas pelo escritor cubano Antonio José Ponte no livro *La fiesta vigilada* (2007), com o objetivo de investigar como os espaços da capital cubana nos permitem relacioná-los com alguns dos principais eventos históricos transcorridos em Cuba durante a segunda metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução; literatura; história; espaço.

A ideia de se conceber a cidade como texto ou como signo, que permite por meio de sua análise e a observação de seus espaços, a leitura de sua história e a compreensão da sociedade que nela vive é uma noção que pode ser recuperada em textos de intelectuais como Walter Benjamin, como em seu inacabado projeto das *Passagens* (2006). Nele, o filósofo alemão, por meio da lírica de Baudelaire, da figura do *flâneur*, e da leitura da obra de outros escritores procurou entender o fenômeno da modernidade, elegendo Paris, como capital paradigmática para compreensão deste processo.

Com uma perspectiva similar a de Walter Benjamin, o crítico literário Andreas Huyssen, no artigo “Os vazios de Berlim” (1999), emprega a mesma noção, de se conceber a cidade como texto ou como signo, para analisar as diversas transformações ocorridas em Berlim, decorrentes de alguns dos principais eventos históricos do século XX. Segundo o autor:

Talvez não haja outra grande cidade ocidental que suporte as marcas da história do século XX tão intensamente e de forma tão autoconsciente como Berlim. A cidade texto tem sido escrita, apagada e reescrita ao longo deste século violento, e sua legitimidade se deve tanto mais às marcas visíveis do espaço construído quanto às imagens e memórias reprimidas e rompidas pelos eventos traumáticos. (HUYSEN, 1999, p. 93)

Todos os confrontos bélicos e demais eventos históricos transcorridos em Berlim durante o século XX, deixaram suas marcas na população e na capital alemã que, após a queda do Muro, tenta lidar com este passado, no qual a preservação de determinadas memórias, como as vinculadas ao Holocausto, coexistem com o dissimulado apagamento de outras, como aponta o autor, com relação a alguns dos legados deixados pela República Democrática Alemã:

Se nestes tempos confusos e estimulantes após a queda do Muro Berlim parece saturada de memórias, os anos também ensinam múltiplas lições

sobre a política do esquecimento deliberado: a mudança de nome das ruas de Berlim Oriental, imposta e quase inútil, devolvendo-as ao seu elenco pré-socialista e quase sempre decididamente anti-socialista; a derubada de monumentos ao socialismo; o debate absurdo em torno da demolição do Palácio da República Democrática Alemã para dar lugar à reconstrução do Palácio Hohenzollern, e assim por diante. (HUYSSSEN, 1999, p. 94-95)

Com base nestas reflexões, como nos trabalhos anteriormente mencionados, propomos uma leitura das representações de Havana desenvolvidas pelo escritor cubano Antonio José Ponte no livro *La fiesta vigilada* (2007), com objetivo de analisar como as representações do espaço no texto referido nos permitem observar algumas das transformações ocorridas em Cuba em virtude dos principais eventos históricos da segunda metade do século XX, como o triunfo da Revolução Cubana e a crise econômica da década de noventa, originada pelo colapso da União Soviética.

La fiesta vigilada (2007) é um texto híbrido, no qual o ensaio, a autobiografia e a ficção se entrelaçam compondo um mosaico de imagens de Havana, que são produto da experiência pessoal do narrador, que descreve a Cuba pós-soviética, das décadas finais do século XX e começo do XXI, na qual são ambientados parte dos relatos que compõem o livro, mas também o registro de outros olhares para cidade, revisitados no texto, por meio de alusões, citações e releituras de obras literárias e cinematográficas, que também a descreveram.

A alternância do foco narrativo, que funciona como forma de articular os distintos registros da cidade já narrada por outros autores, também possibilita ao narrador, o acesso a outras temporalidades da cidade, nas quais ele não viveu, como a Havana da década de cinquenta, em que é ambientado o romance, *Nosso homem em Havana* (1958), do inglês Henry Graham Greene, a cidade dos primeiros anos da Revolução, descrita por Jean Paul Sartre, no conjunto de ensaios reunidos no livro

Furacão sobre Cuba (1961), ou a cidade em ruínas, da década de noventa, do documentário *Buena Vista Social Club* (1999), do diretor alemão Wim Wenders.

Além do deslocamento temporal, possibilitado pela releitura dos trabalhos referidos, o narrador, tal qual a já mencionada figura do *flâneur*, descrita por Walter Benjamin, percorre as ruas da cidade, observando e descrevendo o que vê, com o foco voltado para as ruínas de Havana, um tema que como observa María Guadalupe Silva:

[...] no es únicamente el edificio viejo que pueda impresionarnos como recordatorio de una época terminada, o como prueba del olvido y el maltrato, sino la estremecedora presencia de la historia que habla a través de sus restos y a la que es necesario saber escuchar. (GUADALUPE SILVA, 2014, p.81)

Ao longo das páginas de *La Fiesta vigilada* são descritas as ruínas de vários lugares da cidade, espaços vinculados à indústria do lazer e do turismo, como hotéis, cabarés, casas noturnas e cassinos, da Cuba pré-revolucionária, como o hotel Pasaje, fundado no final do século XIX, que recebeu este nome, por abrigar galerias semelhantes as que haviam servido de inspiração a Walter Benjamin para o já mencionado projeto das *Passagens* (2006).

O Pasaje, que outrora havia servido para hospedar o grande fluxo de turistas que visitavam a ilha em busca de suas belas praias, de seus cassinos e cabarés, é descrito pelo narrador, após o triunfo da Revolução, como mais um hotel, que havia fechado suas portas, depois de ser expropriado pelas autoridades cubanas. Em lugar de receber turistas, o hotel foi abandonado, e acabou se convertendo em moradia popular para famílias cubanas de baixa renda.

Após décadas de abandono, a construção voltou a ser alvo de interesse do governo, que havia prometido restaurá-la, em virtude dos investimentos na indústria do turismo, iniciados na década de noventa. Em meio às reformas empreendi-

das no Pasaje, uma das colunas de sustentação da edificação foi acidentalmente atingida, o que acabou por provocar seu desmoronamento.

Outro hotel, citado por Antonio José Ponte nas páginas de *La fiesta vigilada*, é o Nacional, localizado no moderno bairro do Vedado, que em 1960, hospedou Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, durante a viagem que fizeram a Cuba, para conhecerem as transformações ocorridas na ilha decorrentes do triunfo da Revolução. Os quartos do hotel, ocupados pelo casal, são descritos como ambientes suntuosos, como assinala o narrador por meio da paráfrase do relato de Sartre, no já citado *Furacão sobre Cuba*:

Lo alojan en una pieza del hotel Nacional donde cabría todo su apartamento parisino. Al describir la pieza, enumera sedas, paravanes, flores bordadas y flores en jarrones, dos lechos dobles para él solo. (Simone de Beauvoir ocupa habitación aparte del mismo modo que cada uno de ellos posee en París apartamento propio) (PONTE, 2007, p. 77)

Em 1961, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir fazem uma nova visita à ilha, o narrador, revisitando o relato da escritora francesa, volta a mencionar o mesmo hotel, que havia hospedado o casal um ano antes, o Nacional é descrito como um lugar praticamente vazio, que tinha como únicos hóspedes um grupo de jovens milicianos, que participavam de um congresso em Havana.

Além do Pasaje e do Nacional também é descrito no livro o Havana Hilton, pertencente à cadeia de hotéis, espalhada ao redor do mundo, que carrega o sobrenome da famosa família norte-americana. O Havana Hilton, assim como o Pasaje e a grande maioria dos hotéis da ilha, haviam sido expropriados durante os primeiros anos da Revolução, mas ao contrário de outros hotéis que tinham sido fechados, ele foi mantido em funcionamento, porém, passou a ser chamado pelo simbólico nome de Habana Libre.

Os espaços dos hotéis, como os anteriormente mencionados, aludiam ao passado capitalista de Cuba, simbolizavam a influência norte-americana, que desde as guerras de independência havia intervindo na política e na economia da ilha, além de se associarem a estas memórias, eles mobilizavam em seu entorno, atividades ilícitas, como o tráfico de drogas e a prostituição, problemas sociais, que as autoridades revolucionárias haviam se proposto a combater.

Em virtude da função social exercida por estes espaços, muitos deles foram transformados e ressignificados pela Revolução, como o Pasaje, que em lugar de hospedar turistas, acabou se convertendo em moradia popular, ou como o Nacional, que passou a funcionar como alojamento, para o grande contingente de camponeses, trazidos até Havana para serem capacitados pelo governo, com o propósito de designarem suas funções dentro da construção do socialismo.

Nas páginas de *La fiesta vigilada*, também é descrito o fechamento de bares, casas noturnas e cassinos. Estes espaços, mais do que meramente turísticos, eram voltados para o ócio e para o lazer, para o tempo desperdiçado, que as autoridades revolucionárias não estavam dispostas a perder no processo de construção da nova sociedade cubana, como relata o narrador no seguinte fragmento:

El sabotaje alcanzó a cines y centros nocturnos. En tanto los mártires cayeran no podía sonar música frívola. El ocio resultaba criminal. Y, ya en el poder, los revolucionarios clausurarían los espacios que antes dinamitaran. Porque, si bien había cesado la siega de mártires, continuaba intacta la máquina revolucionaria contra la fiesta. (PONTE, 2007, p. 124)

No início da década de noventa, como resposta aos avanços da crise econômica, originada pelo colapso do bloco soviético, o governo cubano teve que voltar atrás em muitas das medidas adotadas no início da Revolução, dentre elas, a reativação da indústria do turismo, que para recuperar sua antiga infraestrutura reformou e rea-

briu muitos espaços, como algum dos mencionados neste trabalho. Este momento é comentado pelo narrador:

El cierre de bares y clubes, ocurridos a fines de los años sesenta, procuraba borrar todo rastro de vida placentera que anteciediera a la Revolución. (“Quien no ha vivido antes de la Revolución no ha conocido la dulzura de la vida” sostenía Talleyrand desde lo mullido.) Y por decisión de las mismas autoridades revolucionarias se reabrían, varias décadas después, algunos locales.

La fiesta intentaba animarse por edicto.

Procuraban retomarla en el mismo punto en que la detuvieran [...] Inventarle continuidad a la fiesta exigía pasar por encima de dos décadas y media. Pero ¿qué era escamotear un cuarto de siglo si se consideraba la gran proporción de historia que había sido suprimida antes? Hurto menor, sin dudas. (PONTE, 2007, p. 97-98)

O processo de reabertura de bares, hotéis e outros espaços, vinculados ao turismo também são narrados nas páginas do livro, como o bar Two Brothers, localizado próximo ao porto de Havana, que havia sido fundado por dois irmãos espanhóis no final do século XIX. O narrador descreve sua primeira visita ao bar no início da década de oitenta, antes da reativação da indústria do turismo.

Estuve por primera vez en el Two Brothers a inicio de los ochenta, cuando era un bar en decadencia. Vendían en pesos cubanos un ron infame y el lugar se llenaba de estibadores, marineros entre dos viajes y vecinos del otro lado de la bahía dispuestos a un trago antes de tomar la lancha. Abundaban también los tripulantes de buques soviéticos. (PONTE, 2007, p. 91)

Algumas páginas adiante, o narrador volta a mencionar o mesmo bar, que após um período em que esteve fechado, foi reformado e reaberto na década de noventa.

Cuando lo reabrieron (en dólares el consumo) las paredes estaban limpias, recién pintadas, y colgaban de ellas imágenes de La Habana de un siglo antes. [...] En sustitución del radio soviético existía un moderno equipo de música que el de-

pendiente gobernaba a gusto suyo. Y ni una de las fotos que historiaban el local remitía al Two Brothers de las últimas tres décadas, el bar de ronés malos. Allí estaban, en algunas de las fotografías colgadas, los *marines* estadounidenses. Pero no había rastro de los tripulantes de los buques soviéticos. (PONTE, 2007 p. 96)

A descrição do bar, em duas temporalidades distintas, nos permite observar algumas das transformações ocorridas em Cuba, em virtude da crise econômica da década de noventa, além dos investimentos na indústria do turismo, também é mencionado no fragmento citado o retorno do dólar ao país, que durante décadas, havia sido proibido na ilha.

Neste fragmento, também é possível observar como o escritor destaca a supressão da memória soviética, por meio das menções a substituição do equipamento de som do bar, e a ausência de fotos dos tripulantes soviéticos.

A relação com a União Soviética, que durante anos havia sido a maior parceira comercial de Cuba, e que também havia exercido uma forte influência sobre a política e cultura da ilha, havia se tornado uma memória amarga para as autoridades cubanas, em virtude da perda dos subsídios econômicos, após o colapso do bloco na década de noventa e também em função das duras críticas publicadas em revistas e periódicos contra o governo de Fidel Castro, após a adoção de medidas como a *glasnost*, que previa mais liberdade de imprensa para os países soviéticos.

Como assinalamos ao longo deste trabalho, Antonio José Ponte converte a cidade em texto nas páginas de *La fiesta vigilada*, que é lido em dois planos pelo narrador: através da obra de outros escritores, mas também por meio dos espaços de Havana, de suas ruínas, que se convertem na matéria, com a qual o escritor cubano lê e reescreve um novo texto, no qual são reveladas as várias cidades sobrepostas que foram Havana e também algumas das memórias reprimidas pela Revolução.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

GREENE, Henry Graham. **Nosso Homem em Havana**. Trad. Brenno Silveira, Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*. 1972.

GUADALUPE SILVA, María. “Antonio José Ponte: el espacio como texto”. In. **Revista Iberoamericana. América Latina – España – Portugal**. Madri, N°53, 2014. Disponível em: <<https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/187/85>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

HUYSEN, Andreas. “Os vazios de Berlim”. In. **Seduzidos pela memória**, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

PONTE, Antonio José. **La fiesta vigilada**. Barcelona: Anagrama, 2007.

SARTRE, Jean Paul. **Furacão sobre Cuba**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961.